

## NOTA SOBRE A PRESENÇA DA CULTURA JAPONESA NO BRASIL

*por Prof. Teiiti Suzuki*

A entrada da cultura japonesa no Brasil se deu de duas formas: via imigrantes e via não-imigrantes.

Pela via não-imigrantes, podemos citar os artigos produzidos pelo Japão moderno com a tecnologia ocidental, hoje já incorporada à cultura japonesa, e exportados no contexto do comércio internacional, dentre os quais, aparelhos eletrônicos, máquinas fotográficas e outros.

O cinema também pertence a esta categoria. Produto também da tecnologia ocidental com, entretanto, um rico "background" cultural de artes cênicas tradicionais, o cinema japonês começou a conquistar o público brasileiro depois que obteve a consagração na Europa e nos Estados Unidos, que continuam sendo os modelos da cultura brasileira. No tocante à divulgação do cinema japonês, não se pode ignorar a existência da população de origem japonesa que constitui seu mercado seguro: existem agências distribuidoras e especializadas com respectivas casas de exibição em São Paulo.

Antes de prosseguirmos, julgamos conveniente fazer um breve retrospecto de imigração japonesa ao Brasil.

O Brasil recebeu desde o século XIX, aproximadamente 50 milhões e meio de imigrantes estrangeiros, provenientes em sua maioria (cerca de 3/4) do sul da Europa - Portugal, Itália e Espanha. De todas, a corrente japonesa é a mais recente, tendo se iniciado no começo deste século, mais exatamente em 1908 e, até o presente, entraram cerca de 250.000 japoneses, representando 4% do total de imigrantes.

Por ocasião do censo em 1958, em comemoração ao cinquentenário da imigração japonesa ao Brasil, a população de origem japonesa, composta de imigrantes e seus descendentes, orçava por volta de 430.000 pessoas, das quais 2/3 eram descendentes.

Essa população é comumente denominada "colônia japonesa", designação de conceituação vaga mas que usaremos neste trabalho, por julgarmos que reflete a sua configuração social um tanto confusa e mal definida.

Estima-se que a colônia contenha cerca de 800.000 pessoas hoje em dia, com uma proporção de descendentes bastante aumentada, uma vez que a imigração japonesa praticamente cessou a partir da década de 60.

Os japoneses, em sua quase totalidade, foram introduzidos como trabalhadores braçais nas fazendas de café no Estado de São Paulo e ainda hoje, 95% da colônia está radicada nesse estado e no vizinho Estado de Panamá. Eminentemente agrícola no seu início, como vimos, a colônia está passando por uma diversificação ocupacional rápida e intensa nos últimos 30 anos e, hoje, forma a classe média, tanto na zona rural, quanto na urbana.

A cultura japonesa trazida pelos imigrantes pode ser dividida em três categorias: a que se expande para fora da colônia, a que permanece dentro dela e a que se mantém apenas entre os imigrantes.

A primeira categoria pertencem as artes marciais como o judô e o karatê. *Kendô* (esgrima), outra arte muito praticada na colônia, não logrou penetrar na sociedade brasileira e a razão parece residir em que a judô e o karatê se remodelaram como esporte e disciplina de educação física no Japão moderno, ao passo que a esgrima ainda conserva certos resquícios de valores éticos, próprios da época feudal (séc. XVII - XIX) em que foi aperfeiçoada.

Também a cozinha japonesa está sendo apreciada nas classes média e alta da sociedade brasileira, desde quando se tornou moda nos Estados Unidos devido ao valor dietético a ela atribuído.

Passemos agora ao segundo grupo, ou seja, a cultura que ficou confinada aos limites da colônia.

O teatro clássico, como Nô e Kyôgen do século XIV, e Kabuki e teatro de bonecos do século XVII, que se mantém vivo no Japão de hoje, não se implantou na colônia tal vez por exigir um treinamento rigoroso dos atores num ambiente profissional fechado; mas a música e a dança derivadas desse teatro, bem como as de caráter folclórico estão sendo muito praticadas na colônia formando inclusive, organizações próprias.

A música popular moderna (*enka*), que surgiu no início deste século pela adaptação de ritmos e melodias de canções populares ocidentais — inclusive latino-americanos — para a feição pentatona da tradição musical japonesa, está bastante em voga na colônia, notadamente entre os descendentes. Há numerosas casas de diversões próprias para aqueles que desejam cantar *enka* com acompanhamento

de discos e fitas. Recentemente, consta-se que vem aumentando o número de não-japoneses que freqüentam esses locais, atingindo cerca de 20% de sua freguesia, segundo se presume pelas informações que obtivemos.

Ikdebana, ou arranjo de flores, cerimônia do chá e cerâmica japonesa também se limitam quase que exclusivamente à colônia.

Quanto à religião, observa-se o que se segue. Por ocasião do já referido censo, os que declararam professar religiões japonesas, como budismo e shintoísmo, ascendiam a 77% entre os imigrantes e caíam para 31% entre os descendentes.

A percentagem decrescia, entre os imigrantes, a medida que aumentava o período de sua permanência no Brasil, e, entre os descendentes, em função do número de gerações e de idade, isto é, a proporção era menor entre netos (3a. geração) e bisnetos (4a. geração) do que entre os filhos (2a. geração), como era também menor quanto menor fosse a idade. Além disso, na colônia em geral, a proporção dos que professavam religiões japonesas era menor na zona urbana do que na rural.

Todas essas condições acima citadas, favoráveis à aculturação religiosa, tornaram-se mais acentuadas depois do censo de 1958, donde se presume que é considerável o declínio de religiões japonesas dentro da colônia. No entanto, deve ser salientada uma exceção com relação às chamadas religiões novas japonesas. São as que surgiram do shintoísmo e do budismo, particularmente da seita Nitiren, quando o Japão começou a enfrentar grandes mudanças sociais denominada globalmente de ocidentalização ou modernização, a partir do século passado. Há centenas delas, desde as que apresentam grande vitalidade congregando milhões de adeptos, até as de tamanho insignificante e de existência efêmera.

Uma dezena delas entrou no Brasil, ou trazida pelos imigrantes, ou buscando apoio na colônia. Algumas atuam quase que exclusivamente no âmbito da colônia, mas outros se expandem para fora dela, chegando a contar entre os seus adeptos como cerca de 80 a 90% de brasileiros sem ascendência japonesa.

Ao primeiro grupo pertencem as que entraram no Brasil antes da Segunda Guerra Mundial. Eram adequadas à sociedade japonesa da época e por conseguinte, à colônia, mas não eram eficientes com relação à sociedade brasileira em geral.

No entanto, as que entraram no período pós-guerra trouxeram organizações e métodos ou estratégias de propagação forjados no ambiente de brusca transformação da estrutura social de então e que se mostraram também eficazes a um certo setor da população brasileira. Referimo-nos à camada das aglomerações urbanas originá-

rias em grande parte, do êxodo rural recente que não conseguia se ajustar à nova situação e, para cujos problemas, as religiões ou instituições pré-existentes não apresentavam soluções. É o mesmo setor em que proliferam as chamadas religiões mediúnicas ou afro-brasileiras como o candomblé e a umbanda. Enquanto estas penetram de preferência nas camadas não letradas ou analfabetas, as religiões novas japonesas têm penetração no meio dos alfabetizados, utilizando-se de propaganda por meio de publicações em português.

Para finalizar, queremos abordar a atividade literária em língua japonesa que se restringe praticamente aos imigrantes. Existem três jornais editados em japonês em São Paulo, que mantêm páginas literárias oferecidas aos que se dedicam à poesia tradicional (*tanka* de 31 sílabas e *Haikai* de 17 sílabas), à poesia moderna, a ensaios ou ficções. Circulam também revistas literárias organizadas por grupos de amadores, seja especializadas em cada gênero, seja abrangendo todos eles.

No início, a língua japonesa era também a língua materna dos filhos de imigrantes, pelo menos enquanto conviviam com seus pais. Esse ambiente bilíngüe familiar vem desaparecendo rapidamente, é medida que aumenta a geração de netos e bisnetos, cujos pais não usam mais o japonês em casa. A língua japonesa está se tornando uma língua estrangeira no seio da própria colônia.

Há ainda duas ou três centenas de escolas para se ensinar o japonês aos descendentes. São pequenas escolas mantidas pelos imigrantes, com corpo docente recrutado na própria colônia e sem preparo profissional, cujos alunos são, na maioria, menores de 10 anos. Acresce-se que o número dessas escolas, bem como de alunos, tende a diminuir.

Em contraposição, o ensino da língua japonesa como língua estrangeira para adultos, incluindo os descendentes e os de origem não-japonesa, tende a melhorar paulatinamente, tanto na qualidade, quanto na quantidade.

Além de cursos de japonês para adultos organizados por entidades particulares e de cursos livres ou de extensão universitária mantidos por algumas universidades, há dois cursos de bacharelado e de licenciatura: na Universidade de São Paulo e na Universidade Federal do Rio de Janeiro, criados respectivamente, em 1963 e 1980.

Cumprir notar que o referido curso da Universidade de São Paulo é um dos mais concorridos dentre os 14 cursos de língua nela existentes, perdendo apenas para o inglês e o português no tocante à concorrência no exame vestibular, ou seja, à proporção entre o número de candidatos e o número de vagas oferecidas. Intimamente ligado ao referido curso, funciona desde 1968 o Centro de Estudos

Japoneses da Universidade de São Paulo, dedicando-se a pesquisa e divulgação da cultura japonesa.

A esperança para se implementar a pesquisa e divulgação da cultura japonesa em alto nível no Brasil está nas mãos dos graduados por esses cursos. Para tanto, precisamos contar com maior empenho para ampliar o ambiente propício a suas atividades, tanto por parte das autoridades competentes, como da sociedade em geral.